

# WILHELM REICH E A CARACTEROLOGIA PSICANALÍTICA (\*)

*Amadeu de Oliveira Weinmann*

*Eduardo Schneider Vitola*

## RESUMO

Este artigo discute a teoria do caráter desenvolvida por Wilhelm Reich a partir de uma revisão histórico-conceitual da caracterologia psicanalítica. Neste sentido, trabalha com as contribuições de Freud e de Abraham, por serem estes os autores que construíram os fundamentos teóricos mais importantes desta caracterologia. Apresenta o desenvolvimento da teoria do caráter de Wilhelm Reich desde seus escritos iniciais até sua formulação mais elaborada, em *Análise do caráter*. E aponta os elementos da caracterologia psicanalítica incorporados por Reich em sua teoria do caráter, bem como a contribuição deste àquela caracterologia.

**Palavras chaves:** caráter, caracterologia, encouraçamento, psicanálise e orgonoterapia.

## ABSTRACT

This article discusses the character theory developed by Wilhelm Reich based on a historical and conceptual revision of the psychoanalytical characterology. In this way, works with the contributions of Freud and Abraham, the authors who constructed the most important theoretical foundations of this characterology. Presents the Wilhelm Reich character theory development since his early writings up to his most elaborated formulation, in *Character analysis*. And intends to point the psychoanalytical characterology elements incorporated by Reich in his character theory as well as his original contribution to this characterology.

**Key Words:** character, characterology, armoring, psychoanalysis and orgone therapy.

## O CONCEITO DE CARÁTER EM FREUD

---

(\*) Artigo publicado na *Revista da Sociedade Wilhelm Reich/RS*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 80-93, dez., 1999.

Freud não formulou uma teoria do caráter; tampouco desenvolveu uma tipologia caracterológica. No entanto, em diferentes momentos de sua obra pensou a questão do caráter, particularmente no que diz respeito a sua relação com a neurose – entendida como produção sintomática. Nos parágrafos abaixo, procuraremos apresentar as principais contribuições de Freud à construção de uma caracterologia psicanalítica.

De uma maneira geral, Freud parece vincular a constituição de determinados traços de caráter à possibilidade de *sublimação* das excitações sexuais derivadas das zonas erógenas (pulsões parciais). A sublimação diferiria do *recalcamento* – que encontra-se na gênese dos sintomas neuróticos – por implicar em uma mudança no alvo da pulsão – de um fim sexual para outro não sexual – e por seu conteúdo ser admissível à consciência (em função da transformação referida acima). Assim, as mesmas excitações pulsionais poderiam redundar em um incremento da eficiência psíquica, ou em seu prejuízo, dependendo do destino que lhes fosse reservado.

No seu mais importante artigo sobre o caráter – *Caráter e erotismo anal* (1908) –, Freud demonstra como determinadas características – a ordem, a parcimônia e a obstinação – derivam, em sua origem, das transformações sofridas pelo erotismo anal. Sugere que as pessoas que possuem estes traços de caráter extraíam, em sua infância, um intenso prazer de sua atividade de defecação. Com o desenvolvimento, uma parcela significativa deste erotismo torna-se sublimada, cedendo lugar, em parte por *formação reativa* (transformação no seu oposto), aos traços em exame. Freud especula, também, que uma relação semelhante a esta possa existir entre o traço de ambição e o erotismo uretral.

Tomando por base estas inferências clínicas, Freud propõe-se a estabelecer as conexões existentes entre a configuração final do caráter e os instintos (pulsões) que lhe são constituintes: “os traços de caráter permanentes, são ou prolongamentos inalterados dos instintos originais, ou sublimação desses instintos, ou formações reativas contra os mesmos” (Freud, 1996 [1908]: p. 164). Em todos estes casos, Freud correlaciona caráter com a “normalidade”, ou seja, com a ausência de sintomas psíquicos.

Em um artigo pouco posterior a este – *A disposição à neurose obsessiva* (1913) –, Freud deduzirá o desenvolvimento de uma neurose obsessiva da fixação ou da regressão ao erotismo anal. Entretanto, aponta como peculiar à constituição de uma neurose o mecanismo psíquico denominado *retorno do recalcado*, crucial na formação dos sintomas psiconeuróticos e pouco importante na estruturação do caráter.

Em *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (1916), Freud assinala que o interesse do psicanalista não deve recair, de modo algum, sobre o caráter

do paciente, mas sobre os seus sintomas. Entretanto, reconhece que, por vezes, o caráter do paciente – especialmente seus aspectos mais obscuros (inconscientes) – torna-se um poderoso obstáculo ao tratamento, passando a adquirir prioridade na condução da análise. Descreve, como exemplos – sem pretender desenvolver uma tipologia –, o caso daqueles que se julgam “exceções” – e, portanto, merecedores de privilégios; os “arruinados pelo êxito”, que parecem não suportar a realização de seus desejos; e os “criminosos em consequência de um sentimento de culpa”, que encontram na punição um alívio de sua angústia.

A publicação de *O ego e o id*, em 1923, trará importantes contribuições à caracterologia psicanalítica. Neste artigo fundamental, Freud proporá que, na formação do *caráter do ego*, desempenha papel altamente relevante o processo de internalização de um objeto amoroso perdido, isto é, a substituição de um investimento objetal por uma identificação. Por esta razão, afirmará “(...) que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (Freud, 1996 [1923]: p. 42). Entretanto, serão as identificações efetuadas na tenra infância que deixarão as marcas mais duradouras no caráter do ego. Estas primeiras identificações constituirão uma instância ideal – algo com o que pode ser comparado o ego real – e, por isto mesmo, também uma instância crítica, determinante das operações defensivas (inconscientes) do ego. Freud deduzirá a relevância desta instância psíquica de sua origem no complexo de Édipo; dirá que o *superego* é o representante das interdições parentais – particularmente em relação ao tabu do incesto – e das exigências da cultura.

É somente em um pequeno artigo de 1931 – intitulado *Tipos libidinais* –, que Freud organizará sua única tentativa de estabelecer uma tipologia caracterológica, à luz da teoria da libido e de sua nova concepção estrutural do aparelho psíquico. Embora realce que estes tipos não devam coincidir com “quadros clínicos”, admite que, no limite, “(...) podem aproximar-se de quadros clínicos e dessa maneira, ajudar a unir o abismo que se supõe existir entre o normal e o patológico” (Freud, 1996 [1931]: p. 225).

Estes tipos serão descritos, por Freud, de acordo com a instância psíquica responsável, predominantemente, pelo investimento libidinal. São eles o *erótico*, o *obsessivo* e o *narcísico*. Sucintamente, podemos dizer que eróticos são aqueles que encontram-se voltados especialmente para o amor – mais exatamente, para serem amados; são dominados pelo temor da perda deste amor e, conseqüentemente, tornam-se pessoas muito dependentes. Freud dirá que este tipo representa as exigências elementares do *id*. O tipo obsessivo distingue-se pela predominância do *superego*;

portanto, é fortemente marcado pelo temor de sua consciência. Já o tipo narcísico caracteriza-se pela independência e interesse na autopreservação; Freud dirá que seu ego possui uma grande quantidade de agressividade a sua disposição, a qual também se manifestará na presteza à atividade.

Freud afirma que estes tipos puros são bastante incomuns; entretanto, tipos mistos, em que duas instâncias psíquicas encontram-se fortalecidas, são bem mais freqüentes (o equilíbrio libidinal entre as três instâncias do aparelho psíquico constituiria a harmonia ideal). Estes tipos mistos, caracterizados pela coexistência de duas instâncias igualmente fortes e com interesses conflitivos, apresentariam uma maior disposição ao adoecimento neurótico. Concluindo seu artigo, Freud sugere que o tipo erótico, caso viesse a adoecer, tenderia a desenvolver sintomas histéricos; o tipo obsessivo, uma neurose obsessiva; e o tipo narcísico, uma psicose.

### A TEORIA DO CARÁTER DE KARL ABRAHAM

Seguindo a linha de investigação iniciada por Freud em *Caráter e erotismo anal*, um grupo que incluía os primeiros autores psicanalistas começou a publicar contribuições que enriqueciam o conhecimento sobre esta forma de destino do erotismo. Ferenczi, Jones e Abraham estavam entre estes psicanalistas. Inicialmente, trabalhou-se sobre o erotismo anal; posteriormente, ampliando as contribuições de Freud sobre a oralidade e a proposição de fases pré-genitais da libido, estendeu-se os estudos ao erotismo oral, uretral, etc. Neste período, ainda não havia uma teoria do caráter, apesar dos autores terem idéias sobre sua natureza. Ele se constituiria, fundamentalmente, de sentimentos e atitudes característicos e estáveis transformados a partir das pulsões, mas que não poderiam ser considerados sintomas. Dentre os autores citados, podemos considerar que Abraham foi quem mais desenvolveu e deu forma tanto à **teoria da libido** (ou da pulsão) quanto à **teoria do caráter**.

Freud, Abraham e os psicanalistas das duas primeiras décadas do século desenvolveram a teoria da libido. Na maioria das vezes, Freud colocava a pedra fundamental e trabalhava junto aos seus discípulos na construção das teorias. Na teoria da libido, Freud postulou a idéia de fases, descrevendo primeiramente a fase genital e o complexo de Édipo e, mais tarde (1913), as fases pré-genitais da libido. Em 1924, em um trabalho clássico sobre o assunto – *Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz*

*das perturbações mentais* (In: 1970: p. 81-160) –, Abraham sistematizou as fases da organização libidinal e do desenvolvimento do auto-erotismo até o amor objetal:

a) fase oral primitiva (succional): auto-erótica, sem objeto e pré-ambivalente;

b) fase oral posterior (canibalesca): narcisismo com incorporação total do objeto; ambivalente;

c) fase sádico-anal primitiva: amor parcial, com incorporação; ambivalente;

d) fase sádico-anal posterior: amor parcial; ambivalente;

e) fase genital inicial (fálica): amor objetal, com exclusão dos genitais; ambivalente;

f) fase genital final: amor objetal, pós-ambivalente.

Portanto, em 1924 já havia uma teoria da libido bem assentada, formando as bases para uma nascente teoria do caráter. Discutia-se os diferentes destinos da pulsão e suas possibilidades de satisfação – como a gratificação direta, a sublimação, o caráter, os sintomas, etc. Estavam bem descritos os traços orais, anais e uretrais de caráter. Trabalhava-se tendo em vista a segunda tópica freudiana, reconhecia-se o caráter como representando resistências intensas ao tratamento e já apareciam propostas de modificação da técnica.

Foi neste período que Abraham formulou e descreveu os destinos do erotismo oral, o papel da introjeção e do narcisismo nos estados maníaco-depressivos, além de falar de um caráter melancólico e de um caráter obsessivo. Abraham propôs modos de lidar diretamente com as resistências de caráter e descreveu o caráter genital como um ideal de normalidade pós-ambivalente, com primazia do amor objetal e superação do narcisismo; um caráter ligado à fase genital, que recebeu a libido das etapas anteriores.

Em 1925, Abraham publica seu livro *Estudos psicológicos sobre a formação do caráter* (In: 1970: p. 161-205) que, além de discutir a influência do erotismo oral, anal e genital, tece algumas considerações teóricas sobre a formação do caráter. O livro inicia com a seguinte afirmação:

De acordo com o ponto-de-vista corrente, deve-se procurar a origem da formação do caráter em parte na disposição herdada e em parte nos efeitos do ambiente, entre os quais se atribui uma significação especial à educação. Foi a investigação psicanalítica que, pela primeira vez, chamou a atenção para fontes de formação caracterológicas que até então ainda não haviam sido suficientemente consideradas. (...) aqueles elementos da sexualidade infantil que são excluídos de participação na vida sexual do indivíduo adulto em parte se transformam em certos traços de caráter (Abraham, 1970: p. 161).

Trata-se de um trabalho constituído de três artigos, inicialmente publicados em separado:

a) *Contribuição à teoria do caráter anal* (1921): este campo de investigação inicia-se com o artigo já referido de Freud (1908), que inspirou contribuições importantes como a de Ernest Jones, *O ódio e o erotismo anal na neurose obsessiva*, de 1913 (apud Abraham, 1970: p. 174). Estas foram seguidas pela descrição de Freud (1913) das fases pré-genitais da libido e da noção de regressão à fase de desenvolvimento anal e sádica, nos casos de neurose obsessiva. Iniciou-se a investigação deste estado obsessivo e de seus sintomas típicos, assim como da caracterologia das pessoas que dele sofriam – o caráter obsessivo. Abraham diz que este caráter tem semelhanças com o caráter dos que sofrem de mania e de melancolia, já que possuem sua origem principalmente na fase sádico-anal. Na descrição deste caráter, Abraham estabelece a distinção entre o desenvolvimento normal dos traços anais e sua função adaptativa às exigências do meio ambiente – como o amor à limpeza e à ordem – e seus possíveis exageros, constituindo um caráter anal no “sentido clínico”, como uma patologia deste desenvolvimento. Fala, também, nos destinos sublimatórios do erotismo anal e de sua participação na vida sexual madura. Ele distingue o prazer no ato da excreção do prazer no produto deste processo e diz que as exigências de regularidade e limpeza expõem o narcisismo a um importante teste; na melhor das hipóteses, a criança identifica-se com as exigências dos educadores e troca o prazer da auto-satisfação pela satisfação em ser ‘boa’ aos olhos dos pais. Mesmo assim, às vezes por trás desta bondade se evidenciará um violento desejo rebelde de autodeterminação. O pior desenvolvimento se dá quando é forçado um hábito antes do momento em que o narcisismo se transferiu ao objeto; como a criança ainda não pode se tornar limpa pelo amor a este objeto (a mãe), tem de fazer isto pelo medo, o que resulta numa resistência narcísica intensa e em perturbação da capacidade de amar. As excreções são um símbolo de poder e a onipotência e megalomania infantil não podem ser prematuramente destruídas. Abraham analisa o dar e o presentear em contraposição ao reter e descreve os dois tipos de caráter anal daí provenientes e suas respectivas resistências ao tratamento.

b) *A influência do erotismo oral na formação do caráter* (1924): o aprofundamento deste tema, partindo de Freud, é devido principalmente a Abraham; já em 1916, ele publicava o artigo *O primeiro estágio pré-genital da libido* (Abraham, 1970: p. 51-80). Nesta primeira fase do desenvolvimento, a boca é a principal fonte das sensações, tornando-se uma zona erógena; o prazer consiste em sugar e chupar e, mais tarde, com a irrupção dos dentes, em morder (que substitui, em parte, o prazer em sugar). Neste ponto, iniciam-se as relações ambivalentes com os objetos externos, mas Abraham ressalta que tanto os aspectos amistosos quanto hostis estão relacionados com o prazer. Logo a

seguir, entra em cena o desmame, juntamente com o treino de controle dos esfíncteres anal e uretral. Ao prazer oral de incorporação e de 'excreção sem controle' junta-se o prazer anal em reter – protótipo do possuir. Nesta hipótese benevolente, fase oral e anal harmonizam-se nestas três funções: apanhar (ou conseguir), possuir e abandonar, constituindo a base para a posterior resolução da ambivalência. Ocorre um sofisticado encadeamento entre as fases, com deslocamentos de parte da libido na direção genital. A vivência destas funções vai incorporar-se no caráter. Se houver frustrações na obtenção de prazer, ou demasiada indulgência da parte da mãe, ocorrerá uma exacerbação do prazer de morder, gerando ambivalência pronunciada. Têm-se, então, uma perturbação do desenvolvimento do caráter, que vai encher-se de hostilidade, antipatia e inveja. Outra contribuição direta do erotismo oral ao caráter é a inibição do anseio por objetos; nesta condição, o prazer em adquirir se transforma em desejo de reter o que já se possui, produzindo uma espécie de avareza que esconde o medo da perda. As pessoas que gratificaram-se oralmente podem ir do otimismo e da sensação de que tudo dará certo em suas vidas, até à idéia de que sempre vai aparecer alguém que lhes dará o que desejam de forma mágica, o que pode acabar levando à inatividade. Percebe-se, assim, como um traço normal e adaptativo à vida social pode tornar-se patológico; explica-se, também, a origem do pessimismo. As pessoas fracamente gratificadas estão sempre solicitando alguma coisa sob a forma de pedido ou exigência agressiva, não gostam de ficar sozinhas e "aferram-se como sanguessugas às pessoas". Podem ser impacientes, vorazes e falantes em excesso. Abraham cita uma série de características destes dois tipos – gratificados ou não – e suas possíveis complicações caracterológicas; e termina seu artigo colocando alguns traços provenientes da sublimação oral, como o interesse pela descoberta intelectual.

c) *A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido* (1925): uma das funções deste estágio de desenvolvimento da libido na estruturação do caráter é sobrepor-se aos traços desfavoráveis à vida social constituídos nos estágios anteriores, retirando-lhes a libido. Abraham diz que a pessoa não poderá atingir uma atitude tolerante e justa para com os outros antes que tenha sido extraída a força de seus impulsos destrutivos e sádicos – sua avareza e desconfiança derivadas de fontes anais. Entretanto, o estágio genital toma dos anteriores os traços favoráveis, como a iniciativa e a energia orais; a resistência e a perseverança anais; e a força para lutar pela existência retirada das fontes sádicas. Abraham descreve as possibilidades de desenvolvimento do complexo de Édipo em termos do caráter e diz que, atingido o nível genital, os interesses do indivíduo e da comunidade são, em grande parte, coincidentes. Isto resulta da

capacidade de transferir sentimentos amistosos para outras pessoas ou para o ambiente. Neste caráter, os sentimentos sexuais acham-se misturados aos afetuosos e existe a capacidade de estabelecer uma média entre avareza e extravagância, crueldade e bondade excessiva, etc. É um caráter relativamente sem narcisismo – este foi substituído pelo amor objetal – e, também, desprovido de ambivalência intensa. No entanto, Abraham chama a atenção para não confundir-se esta tentativa de descrição de um desenvolvimento favorável da libido com um ideal de “mediocridade dourada” e ressalta a relatividade da noção de normalidade do ponto de vista individual e social.

### A TEORIA DO CARÁTER DE WILHELM REICH

Reich inicia sua participação no movimento psicanalítico no começo da década de 20. Em 1922, publica um artigo – *Dois tipos narcisistas* – onde discute a questão do caráter, apontando, já nesta época, toda a importância que este tema irá adquirir no seu pensamento futuro. Reich principia seu trabalho afirmando: “Aprovamos integralmente a descrição geral de Alexander do ‘caráter neurótico’ que, com seus sintomas difusos se distingue da neurose com seus sintomas localizados” (Reich, 1992 [1922]: p. 66). Trata-se de uma afirmação sucinta, mas que revela algo sobre a definição de caráter que Reich utilizava naquele momento, partindo da oposição entre sintomas difusos e localizados. O termo *sintoma difuso* refere-se ao caráter visto como um sintoma, mas um sintoma que abarca a personalidade total, sem manter-se localizado. Reich afirma que, neste caso, a libido do ego é quem normalmente foi atingida. No caso do *sintoma localizado* estaria envolvida uma perturbação da libido objetal. Com isto ele colocava o narcisismo na origem das perturbações de caráter, opondo-se a Franz Alexander – no artigo *Complexo de castração e caráter*, de 1922 (apud Reich, 1992 [1922]: p. 66) –, que colocava a ênfase causal na castração. Este narcisismo normalmente evidenciava-se por detrás do complexo de castração e resultava da predominância do desenvolvimento das pulsões orais, anais e uretrais, fazendo com que as perturbações do caráter neurótico fossem mais graves do que a neurose – neste ponto também diferindo de Alexander.

Num trabalho posterior – *O caráter impulsivo* (1925) –, Reich inicia uma série de questionamentos sobre o nível de conhecimento existente acerca de uma caracterologia psicanalítica, concluindo que a evolução da teoria do desenvolvimento sexual não havia sido acompanhada de uma compreensão suficiente da formação do caráter. Isto explicava-se pela dificuldade de entendimento da dinâmica do ego em relação à dinâmica

libidinal. Reich propõe-se, então, a estudar a patologia do ego no caráter impulsivo, pensando que, neste caráter profundamente perturbado, o ego, em estado primitivo, mostrar-se-ia de forma mais evidente.

Reich parte para a defesa de um entendimento da origem e desenvolvimento do caráter dizendo que foi Freud quem primeiro apontou a necessidade de reconhecer e eliminar determinadas resistências antes de se tentar uma análise do significado inconsciente do sintoma. Reich escreve:

(...) toda resistência (...) recebe seu caráter específico de toda a personalidade. Desse modo, a defesa contra uma resistência de transferência de fundamento incestuoso contém os mesmos elementos tanto na neurose de compulsão quanto na histeria, mas apresenta uma forma inteiramente diferente conforme o caráter compulsivo ou histérico (Reich, s/d [1925]: p. 2).

A importância desta afirmação está na idéia de que a defesa se realiza através do caráter. O conteúdo conflituoso é a fantasia de incesto; o ego opera sua função defensiva tomando das pulsões parciais investimentos e representações que se colocam à frente destas fantasias, passando a constituir modalidades estáveis de reação às situações de vida. Esta argumentação leva-o a defender a *análise do caráter*, creditando a Abraham, Ferenczi e Rank o mérito de terem proposto este tipo de intervenção.

No tocante ao desenvolvimento da caracterologia psicanalítica, Reich refere-se ao trabalho de Freud (1908) e aos desenvolvimentos de Abraham e Jones, mas diz que uma teoria consistente ainda não havia sido formulada. Cita alguns exemplos de problemas não solucionados:

- a) o que faz com que de uma determinada pulsão parcial possa desenvolver-se um sintoma, em um caso, ou um traço de caráter, em outro?
- b) a questão do sadismo nos diferentes caracteres;
- c) a repetição compulsiva parecia não atuar como traço de caráter em todos os casos;
- d) o fato de que há caracteres neuróticos sem sintomas e neuroses sintomáticas sem uma aparente perturbação da personalidade.

Neste ponto, Reich afirma que o trabalho de Freud – *O ego e o id* – seria “(...) a pedra angular de uma futura caracterologia fundamentada psicanaliticamente” (Reich, s/d [1925]: p. 5). A importância deste trabalho estaria na compreensão do fenômeno da identificação e do papel do ideal do ego (superego) na constituição do caráter. O superego diz ao ego como ele deve ser – “seja como o seu pai” – e, ao mesmo tempo,

interdita parte desta identificação – “você não pode ser como ele (há coisas que são exclusivas do pai)”. Reich, partindo destes postulados de Freud, passa a propor alguns pontos que considera importantes na formação dos caracteres tanto patológicos, quanto dos orientados para a realidade. São eles:

a) que traços da personalidade dos pais foram incorporados como ideal positivo e negativo do ego?

b) a formação do ideal do ego seguiu o padrão do genitor do mesmo sexo ou do de sexo oposto? quais eram as qualidades deste genitor?

c) em que estágio do desenvolvimento libidinal ocorreram identificações intensas?

d) qual o grau de tensão existente entre o ideal do ego e o ego real?

e) que atitude o ego de primitivo prazer – derivado mais diretamente das pulsões – assume em relação às posteriores identificações?

O ideal do ego seria observado em estado nascente nos caracteres impulsivos, justificando o estudo destes neuróticos que mantém uma infantilidade egóica, desinibição e falta de domínio dos impulsos, resultado de uma malformação do superego.

É em *Análise do caráter* – primeira edição em 1933 – que encontramos a teoria do caráter de Wilhelm Reich em sua forma mais elaborada. É nesta obra que expõe seus pontos de vista a respeito de uma definição conceitual do caráter; de sua função psíquica; de sua gênese; e de sua relação com a estrutura social. Sobretudo, é neste livro que Reich apresenta a sua contribuição à teoria da técnica psicanalítica – desenvolvida ao longo do Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena: a *análise do caráter* (sobre a qual não iremos discorrer neste trabalho). E é também aqui que Reich descreve algumas formas típicas de estrutura caracterológica.

Reich define o caráter como sendo um “aparato de defesa psíquica”. Textualmente, diz: “A couraça de caráter é a expressão concreta da *defesa narcisista* cronicamente implantada na estrutura psíquica” (1989: p. 59); ou: “O caráter consiste numa mudança *crônica* do ego que se poderia descrever como um *enrijecimento*” (1989: p. 149). Disto depreendemos duas idéias fundamentais: a de que a defesa do ego envolve uma retirada de investimentos libidinais dos objetos em direção ao ego; e de que esta retirada torna-se crônica, produzindo um enrijecimento (perda da mobilidade psíquica). Esta restrição na flexibilidade do ego irá se manifestar como modos típicos (ou estereotípicos) de reação às circunstâncias da vida.

No tocante a sua origem, Reich é bem claro: “(...) a couraça narcisista está conectada com os conflitos sexuais da infância” (1989: p. 145). Mais precisamente, afirmará que: “A formação do caráter principia como uma forma definida de superação do

complexo de Édipo” (1989: p. 150). Como bom freudiano que era, Reich entendia que os desejos incestuosos consistem, fundamentalmente, nos investimentos objetais contra os quais o ego se defende. Premido pelas exigências da cultura, mediante as interdições parentais – introjetadas sob a forma de um superego – o ego se defende contra os desejos do id sempre que é incapaz de deslocar os investimentos deste direcionados a seus objetos infantis para outros pós-edípicos. É por esta razão que Reich afirmará que a dissolução das defesas caracterológicas durante o tratamento irá reativar a fobia da infância, uma vez que esta constitui a experiência originária associada – por deslocamento – ao temor da castração, temor este estreitamente vinculado aos desejos incestuosos.

Considerando que, no indivíduo neurótico, a satisfação genital é impedida pelas fixações infantis – as quais, por sua vez, são reforçadas por uma sociedade fortemente repressora da sexualidade –, qual o destino desta excitação e sua relação com a estrutura caracterológica? Já vimos que, em sua função defensiva, o ego refluí os investimentos objetais em direção a si próprio para construir uma barreira narcísica contra estes mesmos investimentos. Mas o que aciona este processo? Basicamente, o sinal de angústia. Com este conceito, Freud referia-se aos primeiros prenúncios de angústia surgidos no ego, os quais mobilizariam neste as operações defensivas (recalcamento) que, em última análise, resultariam na produção de sintomas. Reich, com seu conceito de “neurose de caráter”, irá apontar para outro destino da libido – que, quando impedida de descarga, resulta em angústia – que não a constituição de sintomas. Afirmará que: “A angústia está sendo continuamente engolfada nos processos que estão na base da formação e preservação dessa couraça (...)” (1989: p. 56); e que: “O refreamento da angústia que flutua livremente, ou (o que dá no mesmo) a absorção de energia psíquica contida, é uma das funções principais do caráter” (1989: p. 60).

A partir desta concepção, Reich irá reformular sua opinião a respeito da diferença existente entre “neurose de caráter” e “neurose de sintoma”. Proporá que “(...) *não pode haver um sintoma neurótico sem uma perturbação do caráter como um todo*” (1994: p. 38). Sugerirá que, quando a base de reação neurótica, que constitui o caráter, não consegue dar conta da excitação represada (angústia), principia-se a formação de sintomas. Reich diferencia o *sintoma* do *traço de caráter* com base na atitude do ego em relação a estes processos: enquanto o sintoma é percebido como algo estranho, alheio ao ego e “sem sentido”, o traço de caráter é visto como pertencendo à natureza do sujeito e possuindo uma motivação racional – “é assim que eu sou”; ou “eu sou assim porque ...”. Entretanto, não deve-se pensar em termos de uma relação direta entre base de reação

neurótica e sintoma, isto é, o caráter histérico, quando adoece, não necessariamente produzirá sintomas histéricos. Reich entendia que o sintoma neurótico "(...) nem sempre apresenta uma homogeneidade qualitativa com sua base de reação" (1989: p. 180).

Em sua experiência clínica, Reich observará que os pacientes reagem com profunda aversão a qualquer perturbação do equilíbrio de sua couraça caracterológica. Este fato o levará a concluir que, embora o neurótico queixe-se de seu sintoma, não admite tocar na base de reação que lhe subjaz. A hostilidade liberada no processo carátero-analítico levará Reich a cunhar o conceito de *transferência negativa latente* que, partindo da base de reação neurótica (inconsciente), opõe violenta resistência ao desenvolvimento do tratamento. Em vista disto, Reich deduzirá que "(...) a *tendência destrutiva cravada no caráter não é senão a cólera que o indivíduo sente por causa da sua frustração na vida e da sua falta de satisfação sexual*" (1994: p. 133).

A aplicação consistente da *análise do caráter* levou Reich a perceber mudanças profundas – e surpreendentes – na estrutura de personalidade de seus pacientes. Reich verificou que a análise sistemática das defesas do ego possibilitava não apenas a elaboração das regressões pré-genitais e das fixações edípicas, que ocultavam-se sob o caráter, como a superação da *angústia genital* decorrente do componente incestuoso da sexualidade. Quando o trabalho analítico era bem sucedido, os pacientes passavam a experimentar a capacidade de entrega amorosa de uma forma muito mais completa do que haviam podido antes; por outro lado, sua personalidade se tornava mais flexível, criativa, produtiva e espontânea. A esta estrutura de caráter, Reich denominou *caráter genital*. Às estruturas rígidas, marcadas por um encouraçamento crônico contra as fixações sexuais infantis e por uma estase libidinal atual, Reich nomeou *caráteres neuróticos*.

Na diferenciação existente entre as diversas modalidades de caráter neurótico, entram em jogo vários fatores. Reich assinala:

(...) a formação do caráter depende não apenas do fato de o instinto e a frustração chocarem-se um com o outro, mas também da *maneira* como isso acontece, da fase do desenvolvimento durante a qual os conflitos da formação do caráter ocorrem e dos instintos envolvidos" (1989: p. 153).

Reich entendia que o ego apoia-se em formações psíquicas derivadas de determinadas pulsões parciais, utilizando-as como defesa contra formações baseadas em outros componentes pulsionais – noção de *unidade antitética entre o que reprime e o que é reprimido* –, produzindo o que denominou de *estratificação dinâmica dos mecanismos de defesa*.

Reich, em *Análise do caráter*, propõe uma caracterologia que, no nosso ponto de vista, não é fechada. Embora tenha descrito *algumas formas de caráter circunscritas* – caráter histérico, compulsivo e fálico-narcisista –, posteriormente analisou o caráter masoquista e, já tendo desenvolvido a orgonoterapia, refere-se ao caráter esquizofrênico (conceito que nos parece altamente discutível, por entendermos que a teoria reichiana do caráter baseia-se na teoria psicanalítica das neuroses, calcada no conceito de repressão ou recalque) ou esquizóide. Além disto, em inúmeras passagens deste livro, Reich reporta-se a padrões caracterológicos – “caráter aristocrático”, por exemplo – que nunca veio a descrever minuciosamente. Isto decorre do sentido funcional que o conceito de caráter adquiriu na obra de Reich. Para este autor, muito mais importante do que construir um quadro nosográfico completo era compreender o padrão defensivo-resistencial fundamental de um paciente.

Na teoria do caráter de Wilhelm Reich adquire grande importância o contexto histórico-social em que o sujeito está inserido. Reich (1989: p. 4) afirmará que “(...) cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir”, isto é, para a reprodução de sua ideologia dominante. Em nossa cultura, esta reprodução seria mediada, especialmente, pela instituição familiar patriarcal, “que incute em seus filhos a base caracterológica necessária à ulterior influência da ordem autoritária” (Reich, 1989: p. 5), através da repressão sistemática da vida sexual das crianças e dos adolescentes, bem como por meio do casamento monogâmico e vitalício, fortemente apoiado em interesses econômicos e na opressão da mulher (caberia pesquisar o impacto das mudanças socioculturais dos últimos 60 anos nas estruturas caracterológicas contemporâneas). Entretanto, Reich adverte que a estrutura de caráter não deve ser vista como um reflexo da estrutura social, mas que estabelece com esta uma articulação complexa que adquire, em cada indivíduo, uma forma singular. Para este autor, o estudo aprofundado desta articulação entre indivíduo e sociedade poderia contribuir fortemente para a *profilaxia das neuroses* – afinal, “(...) as neuroses são produzidas socialmente em larga escala” (Reich, 1989: p. 2).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Wilhelm Reich marcou de forma indelével a história do movimento psicanalítico. O *Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena (1922/30)*, berço da análise sistemática das resistências e que profunda influência exerceu sobre toda uma geração de psicanalistas –

dentre os quais podemos citar Anna Freud e Otto Fenichel –, surgiu de uma proposição de Reich a Freud e foi por ele coordenado de 1924 até sua extinção. Embora Reich tenha sido expulso dos quadros da IPA (International Psychoanalytical Association), em 1934, seus artigos sobre a técnica – incluídos na Parte I de *Análise do caráter* – ainda hoje constam entre os “textos canônicos” (que todo psicanalista deve ler) desta instituição.

Entretanto, as contribuições de Reich ao movimento psicanalítico não restringem-se à teoria da técnica. Sua teoria do caráter tornou-se referência obrigatória para autores que, posteriormente, vieram a debruçar-se sobre este tema. Otto Fenichel, referindo-se às origens da caracterologia psicanalítica, afirma (s/d: p. 431):

Descobriu-se, depois, que atitudes deste tipo realizam o objetivo da resistência tanto no tratamento psicanalítico quanto na circunstância de que os mesmos padrões comportamentais também se utilizam, na vida, para os mesmos fins defensivos. Foi assim que a primeira “psicanálise do caráter” se desenvolveu, a saber, a análise da finalidade e da gênese histórica de certas atitudes que assumem o papel de defesas.

A primeira “psicanálise do caráter”, a que Fenichel se refere (segundo nota ao final do parágrafo), é a *análise do caráter*, de W. Reich; esta influência é explicitamente admitida em diversas outras passagens do capítulo sobre *Transtornos caracterológicos*. Laplanche e Pontalis, discutindo o verbete “neurose de caráter”, remontam sua origem, entre outras, às “(...) concepções teóricas e técnicas de W. Reich sobre a ‘armadura caracterial’ e a necessidade, particularmente nos casos rebeldes à análise clássica, de fazer surgir e interpretar as atitudes defensivas que se repetem seja qual for o conteúdo verbalizado” (1986: p. 387).

Analisamos a teoria do caráter de Wilhelm Reich desde uma perspectiva psicanalítica. Entretanto, como o Reich pós-psicanálise concebia esta teoria em sua relação com a orgonoterapia? Estaria ela superada? Seriam seus princípios, métodos e conceitos incorporados ou rejeitados pela nova abordagem? No prefácio à 2ª edição de *Análise do caráter* (1944), Reich afirma que: “A biofísica do orgone não trouxe qualquer oposição às conclusões sobre análise do caráter expostas neste livro; muito pelo contrário, deu-lhes uma sólida base científica natural” (1989: p. 9-10). Em 1948, quando escreve o prefácio à 3ª edição deste livro, Reich reitera que a *análise do caráter* é “(...) indispensável para o orgonoterapeuta médico que, sem ter estudado psicanálise, chega diretamente à biofísica do orgone dos anos 40” (1989: p. 12).

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Karl.** *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- FENICHEL, Otto.** *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Atheneu, s/d.
- FREUD, Sigmund.** *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.
- \_\_\_\_\_. *Caráter e erotismo anal* (1908). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9.
- \_\_\_\_\_. *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose* (1913). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12.
- \_\_\_\_\_. *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (1916). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.
- \_\_\_\_\_. *O ego e o id* (1923). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.
- \_\_\_\_\_. *Tipos libidinais* (1931). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B.** *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- REICH, Wilhelm.** *Dois Tipos Narcisistas* (1922). In: *Primeiros escritos*. Rio de Janeiro, 1992. 126 p. mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *O caráter impulsivo* (1925). Rio de Janeiro, s/d. 115 p. mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.